

## ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DE MÃES DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E MÃES TÍPICAS

Yasmin Folli de Araujo<sup>1</sup>; Larissa Binda Castiglioni<sup>2</sup>; Janaina Silva<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>Graduanda de Psicologia e aluna PIVICT do Programa de Iniciação Científica do Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC;

<sup>2</sup>Graduanda de Psicologia e aluna PIBICT do Programa de Iniciação Científica do UNESC; <sup>3</sup>Mestre e docente no curso de Psicologia do UNESC.

### INTRODUÇÃO

De acordo com o DSM-5-TR, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se como um distúrbio do neurodesenvolvimento, apresentando como sintomatologia déficits persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades específicas. O dado mais recente divulgado em 2023 pelo CDC (Centers for Disease Control and Prevention) diz sobre a prevalência, sendo 1 em cada 36 crianças de 8 anos nos Estados Unidos. Deste modo, as pesquisas, em sua maioria, buscam abordar principalmente questões relativas ao diagnóstico, etiologias, prevalência, intervenção clínica entre outros fatores (APA, 2023).

Entretanto, um aspecto pouco trabalhado diz respeito ao diagnóstico de TEA e suas reverberações familiares. Pesquisas já existentes apontam que deparar-se com as limitações advindas de um transtorno crônico é sempre um desafio, além disso, o recebimento do diagnóstico e a mudança necessária na rotina, que passa a incluir uma série de tratamentos e novas demandas, pode influenciar diretamente na qualidade de vida e saúde mental das mães e dos familiares (CONSTANTINIDIS, SILVA e RIBEIRO, 2018).

À vista disso, o termo maternidade atípica, segundo Pastorelli, Viana e Benicasa (2024), passou a ser usado para descrever os desafios enfrentados pelas mães de crianças com algum tipo de diagnóstico, sendo definido por uma maternidade despadronizada e com nuances próprias. Com isso, o objetivo do presente estudo foi avaliar e comparar índices de ansiedade, depressão, qualidade de vida e percepção de rede de apoio entre mães típicas e atípicas, elencando como hipótese diferenças significativas entre os escores de saúde mental dos grupos avaliados.

### MATERIAIS E MÉTODOS

Com a aprovação pela Plataforma Brasil, registrado sob o número CAAE: 74020123.6.0000.5062, foi realizado um estudo de delineamento transversal, com uma amostra por conveniência, composta por 20 mulheres, divididas igualmente em dois grupos homogêneos, (n=10) típicas e (n=10) atípicas. Para ambos os grupos, o critério de inclusão compreendeu a participação de mulheres que atingiram a maioridade e com filhos dentro da faixa etária de 2 a 10 anos de idade; no grupo atípico, as crianças diagnosticadas com TEA deveriam estar realizando acompanhamento em instituição especializada. Os dados foram coletados após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelo aluno e seu responsável, em duas vias, uma ficando com o participante. A coleta fora realizada no período de novembro/2023 a abril/2024.

Para coleta de dados, foram utilizados métodos quali e quantitativos, sendo utilizados os seguintes instrumentos: Ficha sócio-demográfica acompanhada de entrevista; Escala de Apoio Social (Silva e Coutinho, 2005); Instrumento de Avaliação de Qualidade de vida- The World Health Organization Quality of Life- WHOQOL-bref, adaptada para a língua portuguesa (Fleck, 2000); Inventário de Depressão de Beck (Cunha, 2001); Escala de Ansiedade de Beck (Cunha, 2001). Na análise inferencial, foi utilizado o Teste t de Student para Amostras Independentes, utilizando o nível de significância de 5%. Para análise qualitativa, as falas foram transcritas e submetidas à análise de conteúdo (MINAYO, 2012).

### RESULTADOS

Com a aplicação da ficha sociodemográfica foi possível observar diferenças entre os grupos. No que tange ao vínculo empregatício, 60% das mães atípicas dedicam-se exclusivamente ao lar e à criança, os outros 40% exercem algum tipo de atividade remunerada, mas sem registro nos termos da lei; enquanto que no típico, 70% estão empregadas, devidamente registradas, 20% são donas de casa e 10% estudantes. Na renda familiar, 60% das mães típicas recebem entre 3 a 5 salários mínimos, enquanto o mesmo percentual no grupo atípico afirma receber entre 1 e 3 salários. Esse dado contrasta-se com o recebimento de auxílio governamental, apresentado um percentual de 70% para o atípico que confirma receber e apenas 10% para o típico. No tocante ao estado civil, 40% das mães do grupo típico encontram-se casadas e 30% solteiras e 20% em regime de união estável, já no típico, 70% estão casadas e 30% solteiras.

Com base no instrumento utilizado para mensurar a qualidade de vida, os resultados revelam que, embora as mães dos grupos típico (GT) e atípico (GA) apresentem classificações semelhantes e regulares nos domínios físico, psicológico e meio ambiente, há discrepâncias significativas nas médias de satisfação com a saúde GA (n=2,8) < GT (n=3,4), na avaliação geral da qualidade de vida GA (n=3,5) < GT (n=4,0) e nas relações sociais GA (n=2,97) < GT (n=3,37).

O Teste t revelou que há diferenças significativas nas médias em relação a ansiedade (GA>GT), depressão (GA>GT) e interação social positiva (GA<GT). Os valores obtidos foram: (p= 0,0559) para Ansiedade; (p= 0,0080) para Depressão; (p=0,3354) para Apoio Material; (p= 0,1716) para Apoio Afetivo; (p=0,4883) para Apoio Emocional/Informacional e (p=0,0090) para Interação Social Positiva.

### DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Os dados obtidos na avaliação quantitativa confirmam a hipótese inicial de que mães atípicas apresentam maior prejuízo em relação a saúde emocional, tais dados podem ser justificados também por meio da análise qualitativa da entrevista aplicada, uma vez que no grupo de mães atípicas a mulher tende a dedicar maior tempo aos cuidados da criança e menor tempo em relação a si, o que acarreta no abandono da vida profissional e acadêmica, impactando não só na renda, mas a qualidade de vida destas mulheres.

Além disso, no grupo de mães atípicas, relatou-se menor apoio familiar e baixa qualidade na relação conjugal após o diagnóstico. Acrescenta-se a sobrecarga, preocupação excessiva quanto ao futuro do filho e a falta da rede de apoio, trazendo o afastamento da família e de amigos, juntamente com o julgamento social. Tal dado se alinha ao baixo índice de interação social, já que não há pessoas de fora influenciando no apoio afetivo, ou na rede de apoio. Ambos podem estar correlacionados ao maior índice de ansiedade e depressão, atuando como fatores de risco.

Esses fatores combinados reforçam a necessidade de intervenções direcionadas que promovam o apoio afetivo e estrutural para esse grupo, visando minimizar os impactos negativos em sua saúde mental e bem-estar geral. Posto isso, faz-se necessário o investimento em pesquisas longitudinais centradas na parentalidade atípica, bem como, no desenvolvimento de políticas públicas de acolhimento e assistência psicológica aos cuidadores, destacando a figura materna.

### REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5-TR: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5ª ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.
- CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid; SILVA, Laila Cristina; RIBEIRO, Maria Cristina Cardoso. "Todo Mundo Quer Ter um Filho Perfeito": Vivências de Mães de Crianças com Autismo. *Psico-USF, Bragança Paulista*, v. 23, n. 1, p. 47-58, 2018.
- CUNHA, J. A. Manual da versão em português das escalas Beck. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- FLECK, Marcelo Pio de Almeida. O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 5, n. 1, p. 33-38, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade*. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, p. 621-626, 2012.
- PASTORELLI, Simone de Oliveira Santos; VIANA, Cintia Teixeira; BENICASA, Miria Gomes. *Maternidade Atípica: Caracterização do Sofrimento e seus Enfrentamentos*. *Revista Acadêmica Online*, v. 10, n. 50, p. 1-21, 2024.
- SILVA, Katia Silveira da; COUTINHO, Evandro Silva Freire. Escala de apoio social aplicada a uma população de gestantes: confiabilidade teste-reteste e estrutura de concordância dos itens. *Caderno de Saúde Pública*, v. 21, n. 3, p. 979-983, 2005.